

PROJETO DE INTERVENÇÃO: EDUCAÇÃO SEXUAL COM FOCO EM GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA

INTERVENTION PROJECT: SEXUAL EDUCATION WITH A FOCUS ON TEENAGE PREGNANCY

PROYECTO DE INTERVENCIÓN: EDUCACIÓN SEXUAL CON FOCO EN EL EMBARAZO EN LA ADOLESCENCIA

Izabele Gomes de Jesus¹

Phelipe Gabriel da Silva Vieira²

Grégory Alves Dionor³

Resumo: A gravidez na adolescência pode trazer consigo consequências negativas, tanto físicas quanto sociais. Nosso objetivo principal é descrever as experiências um projeto de promoção da educação sexual, com foco em gravidez na adolescência, desenvolvido no contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA). A intervenção ocorreu em turmas do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental - EJA, abordando medidas preventivas e educativas que contribuam para a redução da gravidez na adolescência e promovam o autocuidado referente à sexualidade. Esperamos que os alunos possam praticar o que foi discutido, contribuindo de forma significativa para a possível redução da gravidez precoce, além de buscar sensibilizá-los quanto à grande responsabilidade que acarreta uma gravidez no período em que eles poderiam estar envolvidos com sua formação.

Palavras-chave: Autocuidado na adolescência. Educação de Jovens e Adultos. Infecções Sexualmente Transmissíveis. Medidas preventivas.

Abstract: Teenage pregnancy can have a series of negative consequences, both physical and social. Our main objective is to report the experiences lived by students of Licentiate Degree in Biology during the application of an extension action in classes of Young and Adults Education (YAE) on the thematic teenage pregnancy. The intervention happened in classes from the 6th to the 9th grade of Elementary Education, on YAE, addressing preventive and educational measures that contribute to reducing teenage pregnancy and promoting self-care regarding sexuality. We hope that students can be able to put into practice what was discussed, contributing significantly to the possible reduction of

¹ Licencianda em Ciências Biológicas pela Universidade do Estado da Bahia/ Campus X. E-mail: izabele.gomes.31@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8454-1186>.

² Licenciando em Ciências Biológicas pela Universidade do Estado da Bahia/ Campus X. E-mail: pgsv23@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4274-0731>.

³ Licenciado em Ciências Biológicas (UNEB/DEDC-X). Especialista em Docência no Ensino de Ciências Biológicas (UniBF) e em Metodologias Ativas e Prática Docente (UniBF). Mestre em Ensino, Filosofia e História das Ciências (PPGEFHC - UFBA/UEFS), no mesmo programa em que está cursando seu doutorado. Atualmente é Professor Substituto do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade do Estado da Bahia - Campus X/DEDC. No curso em que leciona, coordena o GEPECED - Grupo de Estudos e Pesquisas em Ciência, Ensino e Diversidade. E-mail: gadionor.bio@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1933-9664>.

teenage pregnancy, in addition to seeking to raise awareness among young people about the great responsibility that pregnancy entails during the period in which they could be involved with their formation.

Keywords: Self-care in adolescence. Youth and Adult Education. Sexually Transmitted Infections. Preventive measures.

Resumen: El embarazo adolescente puede traer consigo consecuencias negativas, tanto físicas como sociales. Nuestro principal objetivo es relatar las experiencias vividas por estudiantes de licenciatura en Biología durante la aplicación de una acción de extensión en las clases de Educación de Jóvenes y Adultos (EJA) en el tema del embarazo adolescente. La intervención se realizó en clases del 6° al 9° grado de la Enseñanza Fundamental - EJA, abordando medidas preventivas y educativas que contribuyan a la reducción del embarazo adolescente y promuevan el autocuidado relacionado con la sexualidad. Esperamos que los estudiantes puedan practicar lo discutido, contribuyendo significativamente a la posible reducción del embarazo precoz, además de buscar que sean conscientes de la gran responsabilidad que conlleva un embarazo en el período en el que podrían estar involucrados con su formación.

Palabras clave: Autocuidado adolescente. Educación de Jóvenes y Adultos. Infecciones de transmisión sexual. Medidas preventivas.

Introdução

A Sexualidade Humana é vista, por muitas vezes, como sinônimo de genitalidade, e tida como equivalente à relação sexual, porém, “a determinação do sexo do ser humano abrange diversos fatores de ordem física, psíquica e social” (CHOERI, 2004, p. 85). O conceito de sexualidade é diverso e amplo e, por suas características ligadas à genitalidade e prazeres, torna-o mais intrínseco ao ser humano. Acredita-se que certos temas ao passar do tempo são abordados e vivenciados de formas diferentes, mediante significativas mudanças. Discutir sexualidade humana, há alguns anos atrás, era assunto difícil, sendo alvo de tabus, repressões e distorções devido à dificuldade significativa que o assunto envolve, entretanto, o tema tem sido objeto de debates e questionamentos nos dias atuais.

A sexualidade envolve aspectos mais amplos além da perspectiva biológica, pois quando falamos de sexualidade biológica, é necessário pensar nos fatores psicológicos, sociais, culturais, históricos, religiosos e espirituais. Segundo Costa e Oliveira (2011, p. 3) “a sexualidade forma parte integral da personalidade de cada um. É uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado dos outros aspectos da vida”. Em outras palavras, como colocado por Meirelles (1997, p. 76), “é referir-se a sentimentos, emoções e afetos fundamentais no desenvolvimento e na vida psíquica do ser humano presentes desde a infância”. Nesse sentido, a sexualidade envolve afetividade e bem-estar, além de uma série de valores e normas morais que as diferentes culturas constroem sobre os comportamentos

ligados ao sexo. A partir dessa concepção mais ampla, que considera aspectos sociais e culturais, acredita-se que a discussão de sexualidade está além do aspecto reprodutivo. Atualmente, o conceito de sexualidade está relacionado a diversas áreas do conhecimento científico, tais como a Antropologia, a Sociologia, a Biologia, a Medicina e a Psicologia.

Corre-se um risco social muito grande quanto ao fato de estes jovens atingirem a maturidade sexual antes mesmo de atingirem a maturidade emocional, visto que o “Estatuto da Juventude preconiza que os jovens estão entre 15 a 29 anos” (BRASIL, 2017, p. 17). A gravidez na adolescência pode ser acompanhada de consideráveis problemáticas sociais, econômicas, psicológicas e educacionais, visto que é considerada um fator de risco na perspectiva médica, tornando-se um aspecto agravante ou desencadeador de transtornos psicológicos e sociais, tanto para as mães quanto para as crianças (YAZLLE; FRANCO; MICHELAZZO, 2009).

A adolescência pode ser acompanhada de diversos complicadores como conflitos no âmbito familiar, o abandono do parceiro, a discriminação social e o afastamento dos colegas de sua convivência, embates estes que podem intervir no comportamento emocional e psicológico dos adolescentes. Fato é que esta erotização dos jovens, promovida pela mídia, estimula a iniciação sexual precoce e tal fato promove a abreviação da juventude que deveria ser melhor aproveitada, forçando os adolescentes a se tornarem adultos e assumirem responsabilidades para as quais não têm nenhum preparo (FLORES *et al.*, 2011).

Os primeiros contatos da escola com a educação sexual ocorreram no início do século XX, na década de 1920 com Bertha Lutz, que tinha o objetivo de proteger as crianças e a maternidade (MONTARDO, 2008). Ainda no mesmo século, altos índices de gravidez na adolescência e de HIV/AIDS fazem do tema Orientação Sexual uma temática a ser articulada com diversas disciplinas, abordando outros temas como: ética, saúde, gênero e pluralidade cultural (ALMEIDA *et al.*, 2011). Deste modo, a perspectiva pedagógica da orientação sexual nas escolas defende questões referentes ao gênero, à sexualidade e à afetividade (ALMEIDA *et al.*, 2011). A partir disso, os PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais, elaborados em 1997 pelo Ministério da Educação, recomendam que a orientação sexual seja trabalhada como um tema transversal (BRASIL, 1997). Como expressa Figueiró (2009, p. 163):

No entanto, ensinar sobre sexualidade no espaço da escola não se limita a colocar em prática, estratégias de ensino. Envolve ensinar, através da atitude do educador, que a sexualidade faz parte de cada um de nós e pode ser vivida com alegria, liberdade e responsabilidade. Educar sexualmente é, também, possibilitar ao indivíduo, o direito a vivenciar o prazer.

Contudo, o educador deve estar preparado para proporcionar novos conhecimentos e experiências, extinguindo receios e ansiedades, estigmas e tabus acerca da sexualidade, esperando-se que o professor adote uma postura de escuta aos alunos, cultivando o respeito e interação entre eles, com a finalidade de orientar de forma segura e acolhedora, e não constrangedora ou que afaste os alunos e alunas.

A escola assume um local de destaque neste processo de inclusão da orientação sexual, pois, uma vez que a convivência escolar é repleta de trocas, estas instituições têm como função social abordar estes temas com um olhar mais cuidadoso, envolvendo afeto e responsabilidade.

Na escola a convivência entre os alunos traz consigo vivências e saberes com uma grande facilidade, além de se socializarem, fomentando comportamentos, boas ideias, um contato com culturas diferentes entre outras experiências, como a sexualidade (AQUINO; MARTELLI, 2012).

A educação sexual nas escolas é indispensável e tornou-se um instrumento essencial na vida dos alunos, embora, com o passar dos anos, ainda haja uma certa resistência e vários tabus quando se trata da temática. Entretanto, “é igualmente importante não encarar a sexualidade como sinônimo de sexo ou atividade sexual, mas, sim, como parte inerente do processo de desenvolvimento da personalidade” (SAITO; LEAL, 2000, p. 45). A educação sexual tem como ideal buscar sensibilizar os jovens para que tenham um olhar especial para a sexualidade, em todas suas relações, refletir diante de atitudes preconceituosas, maior aceitação e informação em relação a si mesmo (AQUINO; MARTELLI, 2012).

Existem diversos obstáculos no meio educacional quando se trata de educação sexual e o educador terá que ter limites e não poderá reprimir nada, evitando possíveis constrangimentos, deixando tudo mais complexo, pois é algo muito delicado e singular (CAMPOS *et al.*, 2010). A escassez de informações e conhecimento sobre a vida sexual combinadas a fragilidade social traz consigo uma grande vulnerabilidade, o que torna evidente a necessidade de uma atenção especial para a educação sexual de jovens e adultos (CAMPOS *et al.*, 2010). A história da EJA está ligada diretamente a problemas econômicos e de caráter sociopolíticos, geralmente estudantes aposentados e também jovens que trabalham ou não tiveram oportunidade de concluir seus estudos em tempo hábil (COLAVITTO; ARRUDA, 2014). Diante dessa realidade social e do que nos deparamos na EJA, é imprescindível trabalhar a educação sexual também nesta modalidade de ensino. Frente ao cenário apresentado, este trabalho objetiva relatar as experiências vivenciadas por licenciandos em

Ciências Biológicas durante a aplicação de uma ação extensionista em turmas de EJA sobre a temática gravidez na adolescência.

Metodologia

Ao considerar o relato de experiência como escrita empírica, este pode contribuir para a produção de conhecimento sobre os mais diversos temas, já que a produção e divulgação de relatos por meio da experiência é importante em diferentes cenários nas instituições de ensino superior, assim, trabalhos dessa natureza contribuem significativamente para a produção do conhecimento científico (MUSSI; FLORES; ALMEIDA, 2022). Neste contexto, a escolha desse método confirma o valor científico desse tipo de trabalho realizado, visando relatar as experiências vividas durante a realização de uma ação extensionista realizada com jovens de uma escola pública.

As atividades foram planejadas e conduzidas por alunos do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas (UNEB - Campus X), e as palestras por profissionais da saúde convidados. A intervenção ocorreu em turmas do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental – EJA, totalizando em média 80 alunos matriculados, o público-alvo era composto por jovens e adultos, com idade mínima de 15 anos. As atividades ocorreram com turmas noturna da Escola Municipal São Lourenço, uma escola da rede pública municipal de Teixeira de Freitas/BA, localizada em um bairro periférico da cidade, uma região mais propícia ao crime, onde a polícia encontra dificuldades para combater essa problemática social. O tráfico de drogas é presente aos arredores da escola, nas esquinas, até mesmo dentro da escola de uma forma velada. Em outras palavras, tivemos um público socialmente vulnerável, ressaltando que:

A inclusão não se faz somente com os deficientes, ou com os marginalizados. Dentro da escola muitos alunos se sentem excluídos pelos professores e colegas. São excluídos pelos professores, quando nunca falam deles, quando não lhes dão valor, quando são ignorados sistematicamente (MORAN, 2012, p. 57).

Apesar desses fatos, a escola é bem-vista pela sociedade, abrigando alunos do Ensino Fundamental regular, nos turnos matutino e vespertino, e da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no noturno.

A escola *locus* da intervenção era contemplada pelo projeto PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), no qual duas alunas bolsistas do projeto e

também autoras deste trabalho, ao observarem o ambiente escolar e os alunos, perceberam a problemática da gravidez na adolescência presente naquele contexto, além da carência de momentos para discutir esses e outros assuntos relacionados. Na disciplina Prática Pedagógica IV, do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas (Universidade do Estado da Bahia – Campus X), foi solicitado a realização de um projeto de intervenção como parte das atividades do componente e, a partir da inquietação das licenciandas, foi pensado e realizado o projeto “Educação Sexual e Gravidez na Adolescência”, junto com a participação de outras colegas. A escolha dos temas foi feita a partir das necessidades dos alunos atendidos na escola, pois, como a gestação na adolescência é considerada uma situação de risco não só biológico e social, tanto para as adolescentes como para os recém-nascidos, acreditamos que é necessário abordar questões de sexualidade e planejamento familiar dentro da escola. O projeto foi apresentado à coordenadora da escola, tendo o reconhecimento de ambas as partes que não seria uma tarefa fácil, mas que se faz necessária e precisa ser cotidianamente construída no ambiente escolar.

Ao falar da EJA, ainda é comum que as pessoas associem os educandos à alunos com mais idade, para aqueles que não tiveram acesso à formação escolar nas idades apropriadas por motivos diversos, no entanto, sabe-se que a realidade atual é muito diferente, visto que cada vez mais os adolescentes não conseguem acompanhar as turmas do ensino regular, indo estudar na EJA. Essa situação se intensificou a partir da aprovação da lei a Lei nº 9.394/96 (LDB) que dispõe sobre a idade mínima para matrícula em cursos de EJA, pois, de acordo com os Art. 5º e 6º, para os quatro anos finais do Ensino Fundamental, é necessário apenas o mínimo de 15 anos completos e, para as três séries do Ensino Médio, o mínimo de 18 anos completos (BRASIL, 1996).

O Censo Escolar 2010, publicado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) traz dados inquietantes: “A educação de jovens e adultos (EJA) apresentou queda de 5,0% (374.098), totalizando 4.234.956 matrículas em 2010. Desse total, 2.846.104 (67%) estão no Ensino Fundamental e 1.388.852 (33%) no Ensino Médio” (INEP, 2010, p. 17). Em 2007, o país tinha 166.254 turmas de EJA, já em 2011, eram 147.361, o que representa uma queda de 18,9% (CRUZ; MONTEIRO, 2013, p. 13). Em contraste, o Censo Escolar 2020 apresentou uma queda considerável no número de matrículas da EJA, com uma redução de 8,3%, chegando a 3 milhões em 2020. Essa queda no último ano ocorreu de forma similar nas matrículas da EJA de nível fundamental e médio, que apresentaram redução de 9,7% e 6,2%, respectivamente (INEP, 2020, p. 30). Porém, mesmo

havendo essa queda no quantitativo do público atendido nessa modalidade de ensino, é inegável que estes representam uma parcela significativa dos educandos matriculados no país, associado, ainda, às particularidades socioeconômicas geralmente enfrentadas por essas pessoas.

A chegada do primeiro filho, ainda na adolescência, faz com que muitos alunos se submetam ao ensino da EJA, tornando a gravidez precoce um dos fatores determinantes para a evasão escolar; sendo assim, a problemática estudada nos remete a reflexões importantes sobre o tema e aponta a necessidade da participação da família, da escola e da sociedade. De acordo com Santos (2010), a gravidez na adolescência é causa de diversas mudanças físicas, sociais e psicológicas na vida do adolescente, além disso, esses fatores costumam levar a consequências, como abandono escolar e dificuldade de frequentar a escola durante e/ou após a gravidez, uma vez que estes jovens enfrentarão desafios relacionados às responsabilidades maternas e paternas além das atividades escolares.

Segundo Campos *et al.* (2010) a educação sexual na EJA deve ser vista não apenas como uma forma de promover indivíduos e coletividade de informações (afinal, a informação por si só não é suficiente para garantir mudanças), mas sim como uma chave, dentro dos processos educativos, para que se compartilhe conhecimentos e práticas, contribuindo para a conquista de melhores condições de vida.

Dentre algumas características do público-alvo da escola que levaram a escolha do tema estão os inúmeros casos de gravidez não planejada; iniciação precoce da vida sexual; falta de conhecimento em relação a métodos contraceptivos; e restrição das informações referentes à infecção sexualmente transmissíveis (IST). A partir disso, os temas abordados foram: aborto; estupro; vulnerabilidade social; falta de informações, oportunidades e ações voltadas para os jovens; falta de acompanhamento dos agentes de saúde na prevenção; educação sexual com foco em Infecções Sexualmente Transmissíveis; e impactos de uma gravidez na adolescência na vida escolar e profissional.

A intervenção desenvolvida foi realizada na escola com horário definido previamente, organizada em três encontros de cinco horas/aula cada (QUADRO 1). Os temas foram abordados de forma dinâmica e interativa, envolvendo atividades em grupo, como rodas de conversas e dinâmicas com perguntas e respostas. Assim, o projeto foi estruturado em recursos audiovisuais, palestras, dinâmicas e rodas de conversas, ações metodológicas voltadas para formação do aluno crítico, autônomo e participativo no processo da educação.

Quadro 1: Cronograma dos encontros

Encontro	Tema	Atividades desenvolvidas
1 (5h/aula)	Gravidez na adolescência	- Documentário “Meninas, gravidez na adolescência” - Roda de conversa - Caixa de perguntas
2 (5h/aula)	IST e Métodos contraceptivos	- Palestra “Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) e AIDS, quais são suas manifestações e forma de prevenção” - Caixa de perguntas - Dinâmica “Concordo/Discordo/Tenho dúvidas”
3 (5h/aula)	Gravidez: vida escolar e profissional	- Palestra “Impactos da gravidez vida escolar e profissional” - Dinâmica do Balão

A linguagem audiovisual foi aplicada como recurso didático-metodológico para o desenvolvimento do projeto na escola, sendo eles utilizados para explorar conteúdos de forma dinâmica por imagens, vídeos e documentários auxiliando no processo de entendimento. Foi exibido o documentário “Meninas, gravidez na adolescência” (WERNECK, 2006), um curta-metragem que apresenta a história de quatro meninas gestantes, com idade entre 13 e 15 anos e, embora as histórias sejam diferentes, as participantes apresentam em comum seus sonhos abandonados com a chegada dos filhos. Optamos por exibir este documentário com o intuito de mostrar como alguns jovens lidam com a gravidez precoce, as mudanças fisiológicas, a relação com as famílias, namorados, os desafios da maternidade, os estudos e as esperanças para o futuro. É importante ressaltar que, como a maioria das adolescentes, as meninas do documentário também possuem informações sobre métodos contraceptivos, mas não conseguem avaliar com clareza como a falta de medidas preventivas afeta diretamente suas vidas.

Segundo Moran (1998, p. 129), “educar é procurar chegar ao aluno por todos os caminhos possíveis: pela experiência, pela imagem, pelo som, pela representação (dramatizações, simulações), pela multimídia”. Assim, a linguagem audiovisual permite que os professores utilizem de forma dinâmica os diversos conteúdos do curso através de imagens, vídeos e música, que ajudam os alunos a compreender e absorver os conteúdos durante o trabalho pedagógico, agregando assim, mais conhecimento.

Logo após a exibição do documentário foi feita uma roda de conversa, na qual os alunos puderam relatar suas experiências e relacioná-las com as histórias dos personagens do vídeo. Os alunos relataram experiências próprias como situações em que tiveram que abandonar a escola por um período, ou um colega que abandonou de vez os estudos, alunos

que trabalham o dia todo para pagar pensão e ir à escola a noite, entre outros relatos, nas quais podemos perceber o quanto estes alunos estão vulneráveis e expostos às consequências da gravidez precoce.

Os momentos de inserção metodológica da roda de conversa eram voltados para um espaço de diálogos e interações entre alunos, no qual pudessem ampliar suas percepções e desenvolver a criticidade. Na visão de Figueirêdo e Queiroz (2013), a "roda de conversa" é um método participativo muito relevante, pois propicia a construção do conhecimento através da prática do diálogo no processo de aprendizagem. Conforme as autoras, essa metodologia define uma oportunidade de coletar informações por meio do diálogo, possibilitando uma conversa em um clima mais sutil. Ao falar sobre a EJA, pode-se sentir que a roda de conversa carrega uma riqueza de experiências e reflexões, pois, por meio do diálogo e da discussão, obtemos uma formação voltada para estabelecer e compartilhar o conhecimento, os alunos/as da EJA possuem uma bagagem imensa de conhecimento e com eles/as é possível aprender que a transmissão de conhecimentos jamais é unidirecional.

As palestras educativas foram um momento de troca de ideias e informações, em que os alunos demonstraram interesse por se tratar de acontecimentos nos quais se associam com as situações pessoais do dia a dia. Uma das palestras foi ministrada por dois médicos, um clínico geral e outro ginecologista, e teve como tema principal as IST, suas manifestações e formas de prevenção, enfatizando também o uso dos métodos contraceptivos. Já a segunda palestra foi ministrada por nós preceptores do projeto e teve como tema os impactos da gravidez precoce na vida escolar e profissional. As palestras foram fundamentais para a interação dos alunos, pois pôde-se perceber o interesse deles em falar de assuntos, que geralmente estão inseridos no seu dia a dia e que nem sempre são tratados com clareza. A atividade proporcionou aos mesmos um momento para que pudessem interagir com perguntas, por exemplo: “Apenas homens gays pegam HIV?”, “A pílula protege de IST?”, “É preciso usar camisinha para o sexo anal?”, “Posso pegar HIV fazendo uma tatuagem ou piercing?”, entre outras.

Segundo Freire (1997, p. 53), “procurar conhecer a realidade em que vivem nossos alunos é um dever que a prática educativa nos impõe: sem isso não temos acesso à maneira como pensam, dificilmente então podemos perceber o que sabem e como sabem”. Pode-se enfatizar que o ensino deve ser significativo e atraente para os alunos, além disso, o ensino e os conteúdos expostos devem ser contextualizados, adaptados e condizentes com o meio no qual esses jovens aprendizes se encontram. Observamos que este momento foi significativo,

no qual os palestrantes passaram uma segurança maior para os alunos, além disso, se tornou indispensável para que os alunos se tornassem mais conscientes sobre os malefícios causados pela falta de proteção e prevenção nas relações sexuais.

As dinâmicas buscaram facilitar o processo de aprendizagem por meio de diversas atividades, tornando possível refletir criticamente as situações da mesma, através da participação dos alunos. Assim, o “método envolve processos, permitindo-se afirmar que ele deve ser compreendido como um conjunto de processos que se ordenam em vista do ensino e da aprendizagem” (ARAÚJO, 2006, p. 26). Dessa forma, o uso de novas metodologias exige do professor atentar-se a escolha do método que melhor conduzirá seus alunos para a aprendizagem.

Foram desenvolvidas duas dinâmicas, na qual a primeira se trata da dinâmica do “concordo/discordo/tenho dúvidas”, buscando sanar algumas dúvidas a respeito das temáticas que envolvem o tema gravidez na adolescência, promovendo a reflexão e discussão quanto à importância do autocuidado com a sexualidade: Fazíamos afirmações e, em seguida, questionávamos se os alunos concordavam, discordavam ou se tinham dúvidas em relação a frase dita. Consideramos a dinâmica satisfatória visto que foi realizada com êxito e participação dos alunos interagindo com as perguntas e compartilhando experiências próprias; com esta metodologia nota-se uma receptividade maior por parte dos alunos, na qual os mesmos se sentem mais confortáveis em participar. A atividade mostrou que os estudantes aprenderam com as discussões anteriores e sobre quais assuntos ainda tinham dúvidas e inseguranças. Ademais, percebemos também a importância em apresentar o tema notado que os alunos ainda tinham dúvidas sobre temas simples ao nosso ver, sendo assim necessário retomar algumas discussões para serem melhor desenvolvidas.

Na segunda dinâmica, os alunos foram organizados em círculo, receberam um balão e a atividade, acompanhada por uma música, consistia em passar o balão de mão em mão até que a música parasse, assim, a pessoa que estivesse com o balão deveria responder à uma pergunta; caso a resposta não fosse satisfatória, o balão passaria a ser usado pela pessoa como uma “barriga de grávida” ou o aluno recebia uma figura de um microrganismo representando uma IST. O discente também deveria responder perguntas feitas por colegas a respeito de como sua vida seria afetada pela gravidez ou infecção, feito isso o processo inicial é repetido dando continuidade à dinâmica. Ao final da atividade, realizamos uma síntese a respeito do que foi falado, levando dados sobre a eficácia de cada método e quais garantem proteção contra as IST, orientando os alunos a respeito de seus comportamentos de risco e a

necessidade de que ambos os parceiros se sintam bem com o uso de um determinado tipo de prevenção.

Esses dois momentos foram excepcionais, pois percebemos o quanto é importante discutir a educação sexual nas escolas, visto que os adolescentes apresentam um comportamento inadequado quanto à sexualidade e abordar essa temática dentro do ambiente escolar possibilita ampliar o conhecimento dos adolescentes a respeito da sexualidade para exercerem de forma saudável. As dinâmicas possibilitaram o aprendizado de forma prazerosa e forneceram um diálogo mais informal em sala de aula, por isso acreditamos que, com todo esse trabalho, fizemos com que os alunos se sentissem seguros e participantes ativos da construção do conhecimento, a utilização destas atividades permitiu que as discussões se desenvolvessem por alunos que antes estavam distantes e raramente integrados. Percebemos que as dinâmicas acabam por estabelecer um vínculo de confiança e uma conexão mais estreita entre educandos e educadores, além de fornecer espaço para a construção do conhecimento e soluções para que os jovens possam discutir a própria sexualidade, oferecendo oportunidades para desenvolver e revisar atitudes.

No final do primeiro encontro foi deixada uma caixa – a “caixinha da sexualidade” – para os alunos colocarem perguntas feitas de forma anônima, sendo tais questões lidas e respondidas posteriormente no segundo encontro. Esta é uma alternativa para entender o que os alunos gostariam de saber em relação ao tema abordado, questionar e tirar dúvidas, sem receio de serem repreendidos ou até mesmo expostos. Figueiró (2006) explica que a utilização de questões levantadas espontaneamente pelos alunos, seja em uma determinada aula de educação sexual ou não, é uma possibilidade de exploração de temas, que não iriam aparecer de forma programada, logo, através destas metodologias, o professor pode tornar a aula mais rica e participativa. Esse método foi utilizado por se tratar de uma maneira de incentivar a participação, pois percebemos que de início os alunos possuíam certo receio em perguntar, às vezes por medo de serem repreendidos pelos próprios colegas. A caixa nos ajudou a entender a necessidade dos alunos, pois as perguntas foram bem diretas, sendo possível perceber como os alunos estavam perdidos, isso nos fez perceber que talvez sem a caixinha muitos alunos iriam sair da intervenção ainda com dúvidas que eles nunca iriam ter coragem de falar na frente da classe.

Podemos citar alguns exemplos de perguntas: “É mais seguro usar duas camisinhas?”, “Fazer xixi após o ato sexual vai eliminar todas as doenças adquiridas?”, “O vírus da AIDS é transmitido pelo beijo ou suor?”, “Posso usar somente a pílula do dia seguinte ao invés do

anticoncepcional?”, “O corpo muda quando a mulher começa a ter relação?”, “Se tirar o pênis antes de gozar a mulher engravida?”, entre outras. A participação dos alunos nos deixou motivados quando alguns se propuseram a responder à pergunta da “caixa da sexualidade”, demonstrando que tinham aprendido a resposta com uma fala do médico na palestra ou nas dinâmicas realizadas. Ficamos satisfeitos com esta atividade, pois pudemos perceber o nível de entendimento da turma e assim finalizar as discussões com todas as dúvidas sanadas. Acreditamos que extraímos bons resultados através desta metodologia, percebemos que para os adolescentes em um ambiente de sala de aula, o anonimato é uma parte essencial, deixando-os confortáveis com o assunto.

O método de avaliação do projeto foi baseado em metodologias que auxiliassem no processo de quebra dos entraves facilitando a comunicação e a interação entre alunos, além de desenvolver a reflexão e o diálogo. Foi realizada uma avaliação diagnóstica (QUADRO 2), visando saber quais pontos os alunos consideraram adequados ou inadequados na realização do projeto, e aspectos como “Aprendi e me divertir”, “Achei importante e interessante”, “Aprendi como usar preservativos e pílulas anticoncepcionais” foram citados pelos alunos na avaliação. Muitos alunos em suas falas relataram o interesse de sempre ter alguém na escola para tirar dúvidas relacionadas ao tema, além de terem sempre um médico para orientá-los.

Quadro 2: Avaliação do projeto educação sexual com foco em gravidez na adolescência.

O que achei dessa oficina?
Muito legal () Boa () Mais ou menos ()
Faltou cooperação () Ruim ()
Importante () Interessante ()
O que foi mais legal?
Palestra sobre camisinha; sexualidade, aprender sobre IST's ()
Aprender e me divertir ()
Quando todos colaboram na dinâmica do balão ()
Roda de Conversa ()
O que foi mais chato?
Bagunça e não participação dos alunos ()
Alguns temas ()
Falar sobre uso de preservativos e pílulas anticoncepcionais ()

O que aprendi?

Me cuidar / usar camisinha / ser mais responsável ()

Sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis IST's ()

Como usar preservativos e pílulas anticoncepcionais ()

O projeto trouxe uma grande proximidade entre licenciandos e alunos, o que evidencia a importância que têm os docentes para o processo educativo, bem como a responsabilidade de tratar assuntos tão pertinentes. Tamanho contato com os alunos traz experiências únicas somente vivenciadas na prática, tais vivências podem ser decisivas em futuras atuações docentes. Para Scalabrin e Molinari (2013), o estágio ou outra modalidade que proporcione momentos de maior contato com todo processo educacional é imprescindível, pois possibilita assim um maior domínio das funções e atribuições, trazendo consigo conhecimentos para exercer a futura profissão com mais segurança além da oportunidade de desenvolver habilidades para lidar com situações adversas em que poderá se encontrar.

Lidar com estudantes da EJA traz um aprendizado único e é muito desafiador, visto que são realidades distintas das demais modalidades de ensino, as histórias de vida e as dificuldades que foram impostas para os alunos continuarem a formação escolar são muito marcantes, bem como a força de vontade e interesse que é transpassado pelos alunos é com certeza cativante. Como destaca Ramos e Cruz (2015, p. 88) “essa força de vontade apontada pelo professor é uma marca muito grande desses alunos mais velhos, que em sua trajetória histórica tiveram que abrir mão de muitas coisas, mas nunca esqueceram a vontade de aprender”. Lidar com a diversidade também é complexo, é um choque de realidade, no entanto, tais dificuldades trazem consigo motivação para que a atuação do professor seja enriquecida (RAMOS; CRUZ, 2015).

13

Considerações Finais

O objetivo da intervenção foi evidenciar a importância e complexidade da sexualidade com o foco no âmbito educacional, mais precisamente, crianças, jovens e adolescentes. A experiência vivenciada pelo contato direto com os educandos ressalta como há uma necessidade de se refletir em relação a questões cheias de tabus e preconceitos, atreladas à fragilidade de conhecimento.

Para se lidar com uma temática de tal complexidade, buscamos não causar qualquer desconforto, e sim, conduzir o projeto com responsabilidade e com avença. Pôde-se perceber que os alunos não tinham conhecimentos básicos sobre relação sexual, gravidez, uso de preservativos e infecções sexualmente transmissíveis. Durante o desenvolvimento das nossas atividades, foram sanadas várias dúvidas e curiosidades acerca dos temas abordados, principalmente pelo fato da diferença de idade entre os educandos, trazendo experiências e relatos profundos, promovendo várias discussões e reflexões. É possível encontrar na mesma turma alunos com idades que variam entre 17 e 56 anos ou mais, esta diferença de idade trouxe uma nova situação nas salas de aula, visto que a metodologia tinha que buscar estratégias de enriquecimento das aulas, proporcionando principalmente aos alunos mais novos, um amadurecimento com os mais velhos, onde os alunos se respeitam e compartilham suas histórias de vida. Algumas das opiniões foram até mesmo de cunho preconceituoso e estereotipadas, porém conseguimos proporcionar reflexões que se assemelhavam com a rotina de muitos, contribuindo para que tais posicionamentos fossem revistos. Foi perceptível também o semblante dos educandos perante a algumas discussões relacionadas aos temas pertinentes, evidenciando que, mesmo com toda propriedade, pesquisa e cautela, todos possuem suas individualidades e experiências próprias durante sua vida, e que, como educadores, devemos saber respeitar tais individualidades.

Em meio às adversidades conseguimos executar nossas atividades e o planejamento com êxito, se pudéssemos alterar algo seria diversificar e ampliar as dinâmicas, para atrair e envolver mais os estudantes; para tal feito, seria essencial um contato maior com o grupo de adolescentes, para poder conhecê-los melhor e descobrir meios mais atrativos para o público, pois, criando uma proximidade, traz também uma maior segurança para ambas as partes. Acreditamos que, para explorar e alcançar mais assuntos visando as necessidades do grupo, o tema poderia ser melhor trabalhado transversalmente ao longo de uma unidade escolar.

Diante desse cenário, é indispensável a abordagem da educação sexual nas escolas, sendo está um meio de grande circulação de conhecimento e aprendizado essencial para os adolescentes, jovens e adultos. Muitas vezes estes iniciam a vida sexual cedo, tornando necessário criar espaços e momentos voltados para a educação sexual no ambiente escolar, visando à promoção da saúde sexual e reprodutiva dos alunos, bem como proporcionar uma maior reflexão e até mesmo uma desconstrução de estereótipos e preconceitos enraizados.

Referências

- ALEXANDRE, R. B. S. *Gravidez na adolescência: aspectos sociais e psicológicos*. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso - Faculdade de Medicina - NESCON, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, p. 1-27, 2010.
- ALMEIDA, S. A; NOGUEIRA, J. A; SILVA, A. O; TORRES, G. V. Orientação sexual nas escolas: fato ou anseio? *Revista Gaúcha de Enfermagem*, Porto Alegre, v. 32, n. 1, p. 107-13, 2011.
- ARAUJO, J. C. S. Do quadro-negro à lousa virtual: técnica, tecnologia e tecnicismo. In: VEIGA, I. P. A. (Org.). *Técnicas de ensino: novos tempos, novas configurações*. 1. ed. Campinas, SP: Papirus, 2006. p. 13-48.
- AQUINO, C.; MARTELLI, A. C. Escola e educação sexual: uma relação necessária. In: ANPED SUL SEMINÁRIO DE PESQUISA E EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL, 9, 2012, Cascavel. *Anais do Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul*. Cascavel: Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2012. p. 6-8.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade cultural, Orientação sexual*. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. *Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas*. Proteger e cuidar da saúde de adolescentes na atenção básica. Brasília: Ministério da Saúde, 2017.
- BRASIL. Lei n.º 9394/96, de 20 de Dezembro de 1996. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 03 jan. 2021.
- CAMPOS, F.; HENRIQUE, P. B. S.; HELENA, S. S. C. C. REGINA, T. C. S. *Educação sexual na EJA*. 2010. 20 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação na Diversidade e Cidadania - EJA) - Universidade de Brasília, Universidade Aberta do Brasil, Brasília, 2010.
- CHOERI, R. C. S. *O conceito de identidade e redesignação sexual*. Rio de Janeiro: Editora Renovar, 2004.
- COLAVITTO, N. B.; ARRUDA, A. L. M. M. Educação de Jovens e Adultos (EJA): a importância da alfabetização. *Revista Eletrônica Saberes da Educação*, São Roque, v. 5, n. 1, p. 1-28, 2014.
- COSTA, E. R.; OLIVEIRA, K. E. A sexualidade segundo a teoria psicanalítica freudiana e o papel dos pais neste processo. *Itinerarius Reflectionis*, v. 7, n. 1, 2011.
- CRUZ, P.; MONTEIRO, L. (Orgs.). *Anuário da Educação Básica*. Todos pela Educação, São Paulo: Editora Moderna, 2013.

FIGUEIRÓ, M. N. D. (Org.). *Educação sexual: múltiplos temas, compromissos comuns*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2009.

FIGUEIRÊDO, A. A. F. de; QUEIROZ, T. N. de. A Utilização de rodas da conversa como metodologia que possibilita o diálogo. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 10, 2013, Florianópolis. *Anais eletrônicos: Fazendo Gênero 10: Desafios atuais do Feminismo*. Florianópolis: UFSC, 2013.

FLORES, A. L. P.; OLIVEIRA-JÚNIOR, J. N. de; SANTOS, M. E. V.; TEIXEIRA, S. S. Erotização e infância: as duas faces da publicidade. *Revista Anagrama*, São Paulo, n. 3, p. 1-13, 2011.

FREIRE, P. *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Olho d' Água, 1997.

INSTITUTO DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP) *Censo Escolar 2010*. Brasília, DF, p. 1-42, 2011. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=7277&Itemid=. Acesso em: 03 jan. 2021.

INSTITUTO DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP) *Censo Escolar 2020*. Brasília, DF, p. 1-74, 2021. Disponível em: http://inep.gov.br/informacao-da-publicacao/-/asset_publisher/6JYIsGMAMkW1/document/id/6993007. Acesso em: 04 jan. 2021.

MEIRELLES, J. A. B de. Os Ets e a gorila: um olhar sobre a sexualidade, a família e a escola. In: AQUINO, J. G. (Org.). *Sexualidade na Escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1997. p. 71-86.

MONTARDO, J. A escola e a educação sexual. *La Salle - Revista de Educação, Ciência e Cultura*, v. 13, n. 1, p. 161, jan./jun. 2008.

MORAN, J. M. *A educação que desejamos: Novos desafios e como chegar lá*. 5. ed. Campinas: Papirus, 2012.

MORAN, J. M. *Internet no ensino universitário: pesquisa e comunicação na sala de aula*. Interface (Botucatu), Botucatu, v. 2, n. 3, p. 125-130, Ago. 1998.

MUSSI, R. F. de F.; FLORES, F. F.; ALMEIDA, C. B. de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práxis Educacional**, [S. l.], v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/9010>. Acesso em: 16 ago. 2022.

RAMOS, N. B.; CRUZ, S. P. S. Desafios e descobertas dos professores iniciantes na modalidade da EJA em Santa Maria no Distrito Federal. *Horizontes – Revista de Educação*, Dourados, v. 3, n. 6, p. 85-89, jul./dez. 2015.

SAITO, M.; I.; LEAL, M. M. Educação sexual na escola. *Pediatria*, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 44-48, 2000.

SCALABRIN, I. C.; MOLINARI, A. M. C. A importância da prática do estágio supervisionado nas licenciaturas. *Revista Unar*, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 2-5, 2013.

WERNECK, S. *Meninas, gravidez na adolescência*. 2006. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bXbToN1ILPY>. Acesso em: 07 ago. 2019.

YAZLLE, M. E. H. D.; FRANCO, R. C.; MICHELAZZO, D. Gravidez na adolescência: uma proposta para prevenção. *Revista Brasileira Ginecologia Obstetrícia*, Rio de Janeiro, v. 31, n. 10, p. 477-479, out. 2009.

Recebido em: 31 de março de 2022.

Aprovado em: 03 de setembro de 2022.